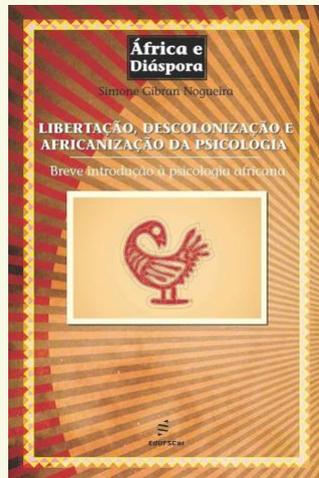


## RESENHAS



NOGUEIRA, G. SIMONE. *Libertação, descolonização e africanização da Psicologia: breve introdução à psicologia africana*. São Carlos: EdUFSCar, 2019.

---

# A Psicologia e o estudo científico da africanidade

Jessica Karolene Sampaio Cardoso

<https://orcid.org/0000-0001-6729-4064>

*Universidade federal do Amapá*

[christiancosta2014@yahoo.com.br](mailto:christiancosta2014@yahoo.com.br)

**Resumo:** Esta resenha crítica apresenta o livro de Simone Gilbran Nogueira, *Libertação, descolonização e africanização da psicologia: breve introdução à psicologia africana* (2019), abordando o

conteúdo informado pela própria autora como fonte de conhecimentos para a Psicologia, outrora tratados como não acessíveis de forma científica. A autora defende o posicionamento de como a psicologia africana pode e deve fazer parte dos campos acadêmico, social e científico, em um país que foi colonizado. Ao mudar o eixo de referência para o estudo da africanidade, demonstra uma atitude de resistência, para fazer parte de uma luta contínua para reconhecimento da humanidade, considerando que, durante séculos, foi negado este direito. Assim, a autora nos permite refletir, através do reconhecimento e valorização da própria cultura, ou mesmo de culturas ditas como “selvagens” ou “sem validade”. Ao utilizar de forma acadêmica, social e científica, o livro nos possibilita uma fonte contínua de análise interdisciplinar, epistemológica e, até mesmo, pluridisciplinar, contribuindo para a formação do profissional na área da psicologia, bem como para o leitor interessado, através de uma leitura acessível para quem busca essas temáticas.

**Palavras-Chave:** Africanidade; Psicologia; Epistemologias

---

Pode parecer que este título da resenha seja um pouco contraditório se nos atermos somente nas matrizes curriculares da maioria dos cursos de Bacharelado de Psicologia no Brasil. No entanto, a presente resenha crítica do livro *Libertação, descolonização e africanização da Psicologia: breve introdução à psicologia africana*, de Simone Gibran Nogueira (2019), mostrar a relação entre Psicologia, investigação científica e africanidade.

Nesta leitura, o leitor se sentirá cada vez mais motivado a refletir e a estabelecer novos diálogos entre academia, ciência e sociedade e, por que não dizer, novos diálogos consigo mesmo? Pois, assim como as trajetórias pessoal e profissional da autora se complementaram, permitindo conhecer mais sobre estudos afrocentrados, a psicologia como ciência é capaz de desenvolver novas abordagens através da africanidade. Neste percurso de descolonização da psicologia, a autora nos apresenta a filosofia africana, as produções que se completam na psicologia com as referências latino-americanas, considerando a relevância de três verbos: *reconhecer*, *utilizar* e *valorizar*. O que resulta nos esforços para a elaboração de novas epistemologias e metodologias não hegemônicas, a partir do ganho de consciência que emerge dos conhecimentos africanos que tanto se fazem presentes em nossas vidas.

O autor latino-americano, Martin-Baró (2009), relata que a Psicologia precisa se libertar das teorias e técnicas que a marginalizam dos justos anseios das maiorias populares. Este processo a libertação deveria chegar aos psicólogos latino-americanos, para alcançar os bloqueios que impedem de nos posicionarmos a serviço dos oprimidos e poder oferecer a melhor capacidade científica para a transformação das nossas sociedades.

Nogueira vem apresentando resultados de pesquisa relacionados à psicologia africana e à cultura afro-brasileira, assim como à educação das relações étnico-raciais, à capoeira angola e à descolonização da psicologia. Criadora e mantenedora do site “Psicologia social e africanidade” [Disponível em: <https://psicologiaeaficanidades.com.br>], que tem como propósito fomentar o processo de libertação, bem como promover projetos comunitários fundados na filosofia UBUNTU, ou seja, relativos à filosofia africana. Reconhece-se que as ações deste projeto são fundamentadas no conhecimento que cura, tendo como base a formação corpóreo-intelectual fundada na prática da capoeira angola e nos estudos negro-africanos. Também é possível, no mesmo site, o acesso aos canais digitais para mais informações sobre o conteúdo produzido pela autora, como no caso da plataforma YouTube.

Outras obras, livros, capítulos de livros e artigos publicados pela autora: *Ié! Camaras. Plano de salvaguarda e inventário participativo* (2019), *Identidade, branquitude e negritude* (2014), *Educação das relações étnico-raciais: desafios das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008* (2017) e *Capoeira Angola de Pastinha: análise do princípio cultural à luz da Psicologia Africana* (2015).

Tal contextualização biográfica explicita a preocupação social de sua carreira, bem com os projetos sociais nos quais Nogueira mantém-se envolvida. De modo particular, no seu livro “Libertação, descolonização e africanização da Psicologia: breve introdução à psicologia” (2019), nota-se a contribuição para a formação nas ciências humanas e sociais direcionadas para a libertação da psicologia, o que permite abordar a história da psicologia e da política da produção de conhecimentos, bem

como analisar as práticas de acolhimento e de atendimento em psicologia. Objetivamente, a autora apresenta uma leitura crítica sobre a colonialidade do saber vinculada, na contemporaneidade, às relações entre poder e saber, considerando que a psicologia tradicional euro-americana atende e analisa casos relacionados à vida cotidiana de brancos e de não brancos, identificando, no entanto, que o histórico de colonização europeia repercute em efeitos psicossociais. A partir deste diagnóstico da psicologia tradicional, o pensamento decolonial e a práxis da libertação emergem, uma vez que o livro de Nogueira mantém o enfoque afrocentrado, considerando que estes estudos abordam a herança africana milenar como referência na produção, na reprodução de conhecimentos e nas práticas contemporâneas, tal como no caso da prática psicoterapêutica, assim como a visão de mundo africana é central nesta abordagem, que abarca desde o Egito, a África Negra e a diáspora.

Outro ponto relevante a ser destacado é a importância de que a Psicologia reconheça certas limitações históricas imperialistas euro-americanas em seus saberes e em suas práticas, não colocando este conhecimento acima do afrocentrado, de modo a permitir um diálogo entre diferentes perspectivas sobre o ser humano, para que se possam estabelecer relações sociais e produzir uma sociedade comprometida com o plural, o dialógico e o sensível ao reconhecimento de perspectivas epistemológicas igualmente relevantes. Por fim, o livro procura chamar a atenção de psicólogos – e demais pessoas interessadas–, sobre as relações de natureza étnico-raciais, considerando a relevância dos conhecimentos oriundos dos povos africanos, uma vez que foram trazidos para o Brasil e para outros locais do mundo contra a sua vontade, durante o processo de colonização concomitante às descobertas de novos continentes, além do continente europeu. Deste modo, para a psicologia brasileira trata-se de um convite para enfrentamentos dos desafios desta luta por reconhecimento, tanto epistemológico, quanto político, que perpassa a recordação de um difícil histórico.

Uma das características da descolonização dos conhecimentos é, justamente, um estudo crítico, aprofundado e engajado sobre a produção greco-romano-

ocidental, o que nos permite reconhecer pontos a serem rediscutidos. O enfoque não é desmoralizar ou anular as produções acadêmicas e as práticas de atendimento psicoterapêuticas hegemônicas, mas de apresentar uma perspectiva epistemológica igualmente válida, considerando que a psicologia hegemônica não é a *única fonte válida* para toda e qualquer forma de produção de conhecimento e de prática em psicologia. Este diálogo entre perspectivas igualmente válidas, ou seja, entre a psicologia tradicional e a decolonial, reconhece outras fontes de conhecimento que, a partir do saber produzido desde o *ponto de vista situado*, são promotoras de um processo de libertação.

O livro é dividido em quatro capítulos: O primeiro capítulo “Colonização e Descolonização da Psicologia”, que exploram em seus cinco subtítulos os estudos latino-americanos e euro-americanos, bem como a questão do eurocentrismo. A consideração da colonização mental, seja em afro descendentes ou em pessoas brancas, atentando também para a rejeição da ideia de supremacia racial branca. O segundo capítulo tem como título “Enegrecer, africanizar, aquilombar: processos históricos, políticos e científicos”, e está dividido em seis subtítulos, nos quais a autora destaca o contexto histórico dos estudos africanos, a contextualização da psicologia negra, a consideração dos estudos negros e das políticas públicas no Brasil, considerando a população afro-brasileira, as relações étnicas- raciais, bem como certos pontos importantes da psicologia negra nos EUA e no Brasil. No terceiro capítulo “Bases filosóficas e epistemológicas da psicologia africana”, a autora aborda os aspectos filosóficos da psicologia africana, considerando a psicologia africana e a personalidade na psicologia africana, a partir dos conceitos físico, mental e espiritual. Por último, o capítulo “Libertação, descolonização e africanização da psicologia” finaliza a sua análise sobre a produção de conhecimento e de práticas para a psicologia decolonial.

Os conceitos citados no parágrafo anterior da psicologia africana estão presente no subcapítulo: *Os componentes da personalidade africana: físico, mental e espiritual* (NOGUEIRA, 2019, p.110). Destaca-se que o conceito físico é uma característica

do organismo, que procura manter sua própria existência, o ser humano nasce é, assim, voltado para o cuidado da vida do corpo. O recém-nascido responde a fome, a sede e a dor, não é dada nenhuma lição sobre *como ser uma pessoa*. Com isso, a motivação para a preservação do ser individual inclui o seu próprio ser genérico. Já o componente mental (NOGUEIRA, 2019, p.112), corresponde à sobrevivência da vida mental. Utilizando o teórico Akbar como referência, a autora afirma que se trata de uma dimensão da vida, o grau de efetividade da esfera mental pode ser avaliado pela forma que se têm a preservação e a perpetuação de si mesma. Com isso, a inteligência da vida mental é sintonizada para ganhar esta informação. A vida mental tem como impulso expressar e continuar o seu próprio conhecimento, o que acontece por um desejo básico de comunicação. Por fim, o componente espiritual trata-se de fome natural pela vida espiritual, para descrever este conceito a autora busca a visão de mundo africana, que afirmam que o ser humano está ligado a uma força suprema no universo através da vida espiritual.

Para melhor compreendermos a descolonização, é necessário entender o que é a colonização. Em resposta, Nogueira utiliza como referência o autor Anibal Quijano, conhecido pela originalidade do tema da colonialidade do poder, considerando os aspectos implícitos e explícitos das relações sociais, do processo globalizante com os elementos de dominação, de exploração e de conflito. Também apresenta como referência o Conselho Latino-Americano de Cientistas Sociais (CLACSO), uma instituição internacional formada por pesquisadores que investigam o campo das ciências sociais e das humanidades. Na epígrafe do capítulo “Colonização e descolonização da Psicologia”, no qual a autora utiliza uma frase de Martín-Baró, abordam-se as questões dos movimentos sociais e da descolonização, questões estas que precisam estar presentes em nossas vidas, permitindo um esforço contínuo de incentivo à libertação, que é sempre apresentada sob o tripé *poder, saber e ser*, considerando que os movimentos englobam os processos de descolonização e de indigenização. Seguindo a sua fonte teórica explicitada na epígrafe, o livro provoca a reflexão sobre a necessidade de reconhecimento de uma coletividade que

se faz a partir do “NÓS”, o que se torna claro a partir da epígrafe de Martin-Baró e da análise dos Psicólogos latino-americanos.

Estar atento às comunidades e às culturas afrodescentes é permitir que o saber e a vivência, que implica na interação com outros aspectos do desenvolvimento humano; é poder acessar elementos fundamentais das experiências humanas, a partir de um ponto de vista diferente daquele adotado pela psicologia tradicional de origem europeia e estadunidense, pois esta não comporta os processos psicológicos e as vivências da população afrodescendente. Com isso, a autora elabora três críticas direcionadas ao tradicionalismo da perspectiva euro-americana, sobre o eurocentrismo e sobre a sobre a suposição de uma supremacia racial branca. Para melhor compreendermos tais críticas, é necessário explicitar o papel histórico e social que direcionou para um sistema de sociedade que se tornou hegemônico. Partindo, neste particular, não apenas dos pensadores da CLACSO, como também do teórico e filósofo Enrique Dussel, que são suas referências usadas.

No segundo capítulo, com o título “Enegrecer, Africanizar, Aquilombar: Processos Históricos, Políticos e Científicos”, Nogueira aborda o surgimento da libertação quilombista. A partir desta exposição, podemos realizar um questionamento, tendo como ponto de partida do objetivo deste próprio capítulo: o que esse tema implica para a Psicologia? Essa interrogação perpassa a leitura deste livro. Neste capítulo é elaborado um início de resposta para essa pergunta. Considerando a produção de diferentes Psicologias (no *plural*, para sugerir o contraste com a aparente hegemonia da Psicologia tradicional euroamericana), na medida em que a autora utiliza com frequência a colonização e seu impacto na formação de relações de poder e de saber, pois, uma vez estabelecidas relações desiguais de poder, estas atingem com frequência as relações de saber.

Ao destacar o contexto que subjaz ao título deste capítulo, permite-se ver uma vasta amplitude acadêmica que aborda os aspectos da teoria e da prática, de modo que a autora deixa claro que não se trata de tirar ou mesmo de anular as bases históricas e teóricas que formaram a Psicologia, mas de permitir que tudo que *ficou*

*do lado de fora* seja apresentado, valorizado ou simplesmente visto, como parte importante para o desenvolvimento humano e de tudo que é vivido nas experiências humanas, na sociedade, na família, nas finanças, no atendimento das necessidades básicas humanas, uma vez que todos estes aspectos são importantes para a compreensão da vida em seu sentido mais amplo, pois percebe-se que, quanto um destes aspectos não é atendido, não está em pleno funcionamento, ou, pelo menos, em funcionamento satisfatório, existe um porquê. Como lidar com a mente e o comportamento humano, que é enigmático e complexo na diversidade das experiências de vida, estabelecendo apenas uma teoria dada como verdadeira? Reconhecer a necessidade de dar amplitude para o reconhecimento das diferentes experiências de ser humano promoveria também interdisciplinaridade que a Psicologia pode alcançar em termos teóricos e em suas práticas.

Saber o que foi a libertação quilombista e os caminhos ela possibilitou percorrer é, aos poucos, se permitir ver o outro lado, é aos poucos acrescentar outra fonte, que transforma o conhecimento acadêmico e político. Com isso, os pesquisadores que se dedicam aos estudos africanos do continente e da diáspora apresentam produções de uma ciência para que também se possa reconhecer a visão de mundo africana. Alguns teóricos são levantados para apontar a trajetória dos estudos africanos, africanos, afrocentrados ou africanos.

No terceiro capítulo que tem como título “Bases Filosóficas e Epistemológicas da Psicologia Africana”, Nogueira aborda como referência o autor Solano Trindade para fornecer esse embasamento filosófico da Psicologia Africana, ou seja, a origem, os pressupostos históricos e os princípios da Filosofia Africana. Se compreendermos que mesmo a história africana foi estudada inicialmente por pesquisadores em sua maioria brancos, provavelmente influenciados por um conhecimento acadêmico centrado nas perspectivas europeia e americana que podem suscitar, equivocadamente, a ideia uma supremacia racial branca devido ao histórico de colonização, aos estereótipos sobre a inferioridade física, fazendo com

que a história e a cultura africana sirvam, em alguns casos, como justificativa de um passado em que os procedimentos coloniais e escravagistas estiveram presentes.

Nos estudos dos estadunidenses da luta antirracista e pelos direitos civis, o paradigma centrado na África encontrou terreno fértil e constituiu a sua interdisciplinaridade a partir dos anos 1960. Nos EUA, tanto a dimensão histórica particular que determina o lugar de origem e assegura a resistência política dos estudos negro/africanos como a dimensão universal das suas conjecturas, que podem desvelar subsídios milenares para a humanidade. Só que neste contexto histórico, devido à severa segregação racial construída sócio-historicamente a partir do século XIX, a dimensão particular dos estudos africanos se mostra a partir da resistência à opressão racial. A autora destaca que “[...] da mesma maneira que se buscam as origens do pensamento europeu na Grécia e em Roma, o pensamento, a história e as experiências dos negros devem ser resgatados no Egito e nas várias culturas do continente africano”, segundo os apontamentos de Silva e Silva (NOGUEIRA, 2019, p.124).

A partir desta citação, podemos nos perguntar como caracterizar os autores da Psicologia tradicional? Autora tenta não fixar a sua atenção em nomes de autores, mas, no sentido geral, considera que a psicologia tradicional é representada, em sua maioria, por nomes de pessoas brancas, homens, heterossexuais, considerando que este enfoque particular representaria uma psicologia focada somente na racionalidade.

Na área da Psicologia, os estudos africanos foram denominados *black psychology*, traduzido para o português como psicologia negra. Como referência a autora deste livro busca utilizar Maulana Karenga, que considera que a *Black psychology* busca o desenvolvimento de uma disciplina que tenha como objetivo o comportamento das pessoas negras e uma busca frenética de transformação de agentes conscientes de si próprios também dispostos a investir na própria libertação mental e política. Tendo, assim, eixos tais como: a crítica e rejeição severa a psicologia branca, desde a metodologia, as conclusões e as premissas ideológicas,

desenvolvendo modelos afrocentrados de estudo e de terapia, bem como intervenções autoconscientes para a promoção de um ambiente mais negro e, assim, mais humano, devido ao reconhecimento da diversidade de experiências vividas.

Por fim, no último capítulo “Libertação, descolonização e africanização da psicologia”, Nogueira afirma a libertação da Psicologia é um movimento histórico, intelectual, político, bem como busca a produção de conhecimentos e de práticas desde o seu nascimento na América Latina, na África e nos diferentes territórios do Sul Global. Segundo a autora, a libertação significaria:

Costumo dizer que a perspectiva da libertação é uma chave que abre a porta de saída da prisão mental do ocidentalismo, do eurocentrismo, do branco-centrismo, do patriarcado etc. (NOGUEIRA, 2019, p. 120).

E, para a Psicologia, isto implica em:

[...] uma chave que nos possibilita compreender que um modelo único de ser humano vem regendo as relações sociais em nossa sociedade hegemônica (NOGUEIRA, 2019, p. 120).

São ideias que a autora aponta que se fundamentam no âmbito das *Epistemologias do Sul*, o que contribui para a formação de uma Psicologia Crítica, que se dedica à libertação, à descolonização da própria Psicologia, incentivando a Psicologia Indígena, a Psicologia Africana, também a formação da Psicologia Política, dentre outros. Em suma, as epistemologias do sul, no geral, contribuem, no particular, para a formação de uma psicologia *plural, dialógica e engajada*. Nos termos que a autora utiliza, seria uma porta que se abre para vários caminhos, sejam eles para o reconhecimento da diversidade humana no mundo em que vivemos, para o reconhecimento das diversas experiências de vida, tal como as expressas no corpo, no intelecto e na espiritualidade, para as expressões da condição humana plena e em convivência, por vezes dialógica, por vezes, conflituosa.

Nogueira corrobora a perspectiva de autores, tais como Adams *et al.* (NOGUEIRA, 2019, p. 284), que afirmam que a psicologia da libertação apresenta uma forma de saber que privilegia a posição epistemológica das condições de

opressão ou marginalização de pessoas e grupos. Outros autores são Paredes-Canilao *et al.* (NOGUEIRA, 2019, p. 286), que abordam pluralidade de subjetividades, assim como as diferenças culturais e étnicas, os interesses políticos, que surgem e determinam envolvimento e movimentos de contestação.

Nogueira se baseou nas raízes africanas, com a parceria de autores afro-brasileiros e de intelectuais da diáspora e do continente, também em reflexões de acadêmicos e não acadêmicos com a abordagem da perceptiva “suleadoras”, que significa reconhecer, construir paradigmas, e uma resistência ao movimento de “nortear”, incentivando as africanidades. Com isso, o percurso para uma produção de perspectivas plurais, humanas e dialógicas para a produção das ciências psicológicas juntamente com heranças originárias africanas, promovendo uma leitura de desconstruções, de reconstruções e de construções das bases necessárias ao reconhecimento da diversidade das experiências de vida, que nos ajudam também a entender que o processo de libertação envolve a desconstrução daquilo anteriormente visto como a única realidade possível.

Assim como reconstrução e construção das possibilidades de existir, de reexistir, de conviver, de dialogar, de conflitar, a partir de novas bases, novas referências, novos pressupostos, oriundos de povos originários, mas que estão marginalizados na atual produção de conhecimentos das ciências psicológicas. (NOGUEIRA, 2019, p.121).

A indigenização de conhecimentos também se apresenta nesta reconstrução das ciências psicológicas, significando um processo contínuo, de religação de diversos assuntos, permitindo também uma reaproximação que permita ver, observar, bem como dar espaço para outras formas da ciência psicológica e de práticas psicoterapêuticas, pois, tal como a autora relata, reconhece-se a importância de conhecer as referências históricas dos povos originários.

Além disso, a investigação de Nogueira promove o movimento de enegrecer ou de africanizar as ciências psicológicas, permitindo a identificação do ser humano em suas manifestações plurais, originárias do continente mãe, ou seja, da África, trazidos para o Brasil e sendo mantidas na atualidade através das práticas tradicionais

afro-brasileiras. A compreensão destas práticas de raiz africana que, na história do Brasil, ocorreu com opressões genocidas. Sendo assim, autora mostra um caminho dialógico possível a ser percorrido com acadêmicos e não acadêmicos, para que se utilizam das referências originárias de raiz africana, que foram mantidas nas práticas tradicionais afro-brasileiras.

Em resumo, nas palavras de Nogueira, a obra *Libertação, descolonização e africanização da psicologia: breve introdução à psicologia africana*:

[...] descreve brevemente processos históricos, políticos e científicos de povos afrodescendentes nas Américas e como eles mantiveram, muitas vezes à revelia da academia, suas perspectivas originárias em práxis comunitárias nos diferentes contextos da colonização e da colonialidade, bem como apresenta também esforços produzidos dentro da academia que se constituem como luta por libertação de todas as opressões. (NOGUEIRA, 2019, p.122)

Compreende-se essa citação da autora como um resumo e, ao mesmo tempo, como a expressão máxima da forma acadêmica esta obra. Acredita-se, além disso, que a obra conduz para outra perspectiva, das próprias reflexões internas e externas em que a leitura provoca ao leitor, ou seja, é uma obra completa, para fins acadêmicos, científicos, sociais e também pessoais, pois nos faz refletir sobre como formamos os nossos pensamentos e para onde eles vão nos conduzindo, sejam nas práticas de atendimento em psicologia ou nas vivências sociais.

Portando, enegrecer ou africanizar as ciências psicológicas é abranger com frequência investigações de identificação de noções de ser humano originárias do continente africano, que chegaram ao Brasil e são mantidas até os dias atuais, através das práticas tradicionais afro-brasileiras. Trata-se também da compreensão das práticas de raiz africana, que durante séculos foram oprimidas, considerando os princípios orientadores das práticas comunitárias e como elas são executadas nas ciências psicológicas, sendo, então, informadas pela visão de mundo de raiz africana, que pode favorecer a Psicologia enquanto ciência e prática profissional. Desta forma, incentivando uma psicologia dialógica, justa e mais plural, mostrando um caminho

que pode ser trilhado por acadêmicos e não acadêmicos, que queiram utilizar como referência a matriz originária de raiz africana.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

**NOGUEIRA, S. G.** . Iê! Camaras. Plano de Salvaguarda e Inventário Participativo. 1. ed. São Carlos: Pedro & João, 2019. 46p .BENTO, M. A. S. (Org.) ; SILVEIRA, M. J. (Org.) ;

**NOGUEIRA, S. G.** (Org.). Identidade, Branquitude e Negritude; contribuições para a Psicologia Social no Brasil. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014. v. 1. 312p .

**NOGUEIRA, S. G.** Educação das Relações Étnico -Raciais: desafios das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. In: Claudia Marinho Wanderley; Káchia Téchio. (Org.). I SOEITXAWÉ: Congresso Internacional de Pesquisa Científica na Amazônia. 1ed.Campinas: Cláudia Wanderley; Káchia Téchio, 2017, v. 82, p. 495-520

**NOGUEIRA, S. G.** Capoeira Angola de Pastinha: análise do princípio cultural à luz da Psicologia Africana. In: Joseana Miranda Freitas. (Org.). Uma Coleção Biográfica: os Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2015, v. , p. 1-375.

**MARTÍN-BARÓ, I.** Psicología social. V: Sistema y poder. San Salvador: Universidad Centroamericana José Simeon Cañas. (1984).

Recebido 24/06/2022

Aprovado

Licença CC BY-NC 4.0

